

PT tentará reduzir dependência de Dilma em relação a Lula

Raymundo Costa, de Brasília
04/01/2010

Rafael Andrade/Folha Imagem - 22/12/2009



Dilma com Lula em inauguração de obras do PAC, no Rio: sempre à sombra

No momento em que sair do governo para se candidatar às eleições de 2010, no início do próximo abril, a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) deixa o abrigo seguro do governo e cai nas mãos do PT. Serão três meses sem poder inaugurar obras ou se apoiar no carisma e popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Os petistas pretendem usar a pré-campanha para dar mais experiência e tentar diminuir a excessiva dependência da candidata em relação ao presidente.

Trata-se de um período temido por todos os candidatos, uma espécie de "buraco negro" que se estenderá até 6 de julho, uma terça-feira a partir da qual será permitida a propaganda eleitoral por meio de carros de som e comícios, entre outros - a propaganda gratuita no rádio e na televisão só começará no dia 17 de agosto. É ruim para todos, mas pior para uma candidatura que saiu do zero, como é o caso de Dilma, criação exclusiva de Lula. Um intervalo de tempo perigoso que o PT tentará driblar no limite da legislação eleitoral.

São três as datas de sustentação do programa em preparação no PT. A primeira delas será a desincompatibilização, no fim de março ou início de abril. A segunda será 13 de maio, quando vai ao ar o programa partidário do PT relativo ao primeiro semestre de 2010 - o programa do último semestre do ano passado dá a medida exata do que o PT pretende fazer no rádio e na televisão. Por fim, a convenção nacional para a indicação oficial da candidata, em junho (a legislação prevê o período entre 10 e 30 de junho). A chapa será registrada no dia 5 de julho, um dia antes do permitido para propaganda.

Nos cálculos do PT, Dilma chegará ao início de abril com algo em torno de 26%, 27% das intenções de votos nas pesquisas de opinião. Até março, a ministra dará seguimento a uma intensa agenda de governo, a tiracolo de Lula, a exemplo do que fez durante o ano de 2009, com êxito. Até os partidos adversários do PT avaliam que Dilma chegará rapidamente aos 30%, nas pesquisas. As dúvidas são sobre o quanto ela será capaz de somar a partir desse patamar. O PT pretende devolver o bastão a Lula, quando a propaganda for permitida, para o presidente dar apenas o empurrão que falta à vitória.

O ano que passou só acaba para a ministra Dilma Roussef em outubro de 2010. Ela nunca viveu um ano como 2009, que começou sob a apreensão de um câncer linfático, curado, segundo os médicos, e prosseguiu sob uma intensa agenda para tornar a candidata do PT a presidente conhecida dos brasileiros.

Ela foi ao Círio de Nazaré, festa religiosa que atrai cerca de 2 milhões de pessoas anualmente à capital do Pará, e à igreja do Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, vestida toda de branco como reza a tradição religiosa e a de candidatos. Entre um ato e outro teve tempo para confraternizar com os 'camaradas' do PP, o partido de Paulo Maluf que faz exigências para apoiar sua candidatura, e embrenhar-se pelo sertão nordestino numa viagem de inspeção das obras de transposição do rio São Francisco.

Dilma também foi a Manaus para uma reunião dos países do pacto amazônico e inaugurar uma refinaria da Petrobras, num improvisado pavilhão de lona onde fazia 41 graus à sombra. Da capital abrasadora do Amazonas seguiu viagem para a gélida Copenhague, na Dinamarca, como chefe da delegação brasileira na conferência do clima. Fora do hotel e do Bella Center, o centro de convenções que abrigou a CoP-15, a temperatura congelava em três graus negativos e sensação térmica de menos 13. Dilma esteve também no Recife, onde comparou o maracatu com um bloco carnavalesco. Chegou ao fim do ano literalmente exaurida, segundo assessores. "Estressada", de acordo com outros que prestam serviço à ministra.

Para preencher o tempo entre as três datas, o PT deve programar viagens de Dilma aos Estados, sobretudo para fechar alianças estaduais. Com a candidata consolidada em segundo lugar nas pesquisas, integrantes do Grupo de Trabalho Eleitoral (GTE) do partido acreditam que esses eventos atrairão o que no jargão das campanhas é chamado de "mídia gratuita", ou seja, a imprensa nacional. No corpo a corpo com os jornalistas é esperado que a candidata cometa gafes - mas a ideia é que esse contato faça parte do aprendizado para a campanha eleitoral propriamente dita. Ai sim, a candidata não pode mais errar.

É um período no qual Dilma pode se impor pessoalmente, como se espera e torce no PT. Nos atuais eventos de governo, Dilma torna-se uma figura secundária no momento em que Lula sobe ao palco. Por causa do carisma do presidente, que domina como poucos os segredos dos palanques, mas também porque a própria Dilma coloca-se num segundo plano seja por motivos cerimoniais seja pela presença dominante do presidente da República. Sem a concorrência de Lula, Dilma pode mostrar-se por inteiro, assumir efetivamente a candidatura e até criticar decisões do governo federal.

Essa é uma linha fina a ser cuidadosamente ajustada com o Palácio do Planalto. Em 2002, o então candidato José Serra bateu na Petrobras por causa de um aumento no preço do gás, em plena campanha. Foi manchete nos jornais, mas ignorado por um governo que destilava impopularidade. Lula, antes disso, é popular, mas o PT acredita que pode desenhar a linha política, nem sempre convergente com a do governo, da campanha da ministra, assim que a agenda sair do Palácio e ficar a cargo do partido.

Um problema a mais numa campanha em cujo horizonte avistam-se disputas internas de poder e dificuldades na composição com os aliados. O PMDB, por exemplo. O partido até chegou a discutir a indicações do ministro Hélio Costa (Minas e Energia), do prefeito de Goiânia, Iris Resende, e do governador Paulo Hartung (Espírito Santo) para a vice de Dilma na chapa do PT. Com a sugestão de Lula para o partido indicar três nomes, os pemedebistas fecharam com o de seu presidente, deputado Michel Temer (SP). Discussão inacabada, a coligação com o PMDB deve consumir boa parte da pré-campanha da ministra.

Uma pré-campanha que já se estende por mais de um ano e que se manteve depois da descoberta de que Dilma tinha um câncer linfático. Segundo levantamento do cientista político Ulisses Rapassi, a média mensal de eventos aos quais Dilma compareceu em 2009, de acordo com a agenda publicada da ministra, foi de 51 compromissos. "No segundo semestre, a recuperação da saúde da ministra, as discussões em torno do pré-sal, a participação na CoP-15, o anúncio da escolha do Rio de Janeiro como sede da Olimpíada culminou com 75 eventos na agenda", diz Rapassi, um atento escrutinador da agenda de Dilma.

Em 2009 foram 621 eventos, contra 768 no ano anterior (o problema de saúde da ministra foi decisivo para a diminuição). Eventos ligados ao PAC, pré-sal e à área de infraestrutura mantiveram o destaque de 2008. "Somados aos encontros com ministros deste mesmo setor, representam juntos mais de 20% de toda a agenda, nada mais natural, devido à importância estratégica desses investimentos e, claro, para qualquer candidato à Presidência da República", diz Rapassi.

O cientista político anotou também que cresceu o número de audiências públicas de Dilma a

parlamentares - foram oito contra três de 2007 - , atenção especial aos governadores (3% da agenda), eventos com movimentos sociais (5%). "A inovação, neste ano (2009), foram as coletivas e entrevistas a órgãos da imprensa, inclusive estrangeiros", registrou Rapassi.

De fato, 2009 é um ano que para Dilma Rousseff só termina em outubro de 2010. O PT quer fazer da pré-campanha, também, um momento de aproximação da ministra com o próprio PT e com os movimentos sociais, alguns dos quais se distanciaram do Palácio do Planalto na era Lula. Antes disso, até o fim de março, a agenda é do Planalto e ela guarda surpresas cinematográficas como foi a viagem de inspeção às obras do rio São Francisco: Guaribas (PI), onde começou o Fome Zero, marco do viés social do governo Lula.